



Ano 2 | # 3 | edição bimestral | maio e junho de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Reflexões sobre a comunicação, em tempos de contraditórias interpretações sobre os significados da cidadania

FUSER, Bruno (org.). **Comunicação para a Cidadania**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. 312p.

ISBN: 978-85-7650-162-6

Márcia Fantinatti¹

O biênio 2008-2009 foi pródigo para com os estudos sobre comunicação e cidadania. Os debates comemorativos aos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e, também, para rememorar os 20 anos da instauração da Assembléia Constituinte, no Brasil, propiciaram um fértil terreno às reflexões sobre há quantas andam as relações de poder, na chamada “Era da informação”. Juntam-se a isso, as infundáveis polêmicas suscitadas pelos impactos das novas tecnologias sobre as comunicações.

É nesse contexto intelectual particularmente instigante que os estudiosos e demais interessados nos rumos da Comunicação Social recebem o lançamento da coletânea ***Comunicação para a Cidadania***, organizada por Bruno Fuser.

A obra, composta por dezesseis artigos, é apresentada aos leitores segundo uma sequência que evidencia quatro subdivisões: Parte I – Comunicação, cultura e cidadania: conceitos, impasses e perspectivas teóricas; Parte II – Cidadania, redes e novas

¹ Jornalista. Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp. É docente pesquisadora da Faculdade de Jornalismo da Puc-Campinas; líder do grupo de pesquisa Comunicação e Política do CNPq; editora chefe da Revista Comunicarte.

tecnologias; Parte III – A comunicação na construção da cidadania e Parte IV – Comunicação e identidades culturais.

Na Parte I, o foco se dirige aos aspectos conceituais; apresentam-se abordagens múltiplas sobre cidadania. Aí ganham espaço: reflexões sobre a natureza da comunicação popular e comunitária (YAMAMOTO); são problematizados os espaços identitários transnacionais (ELHAJJI); são focalizadas as políticas de comunicação como fatores de organização de movimentos sociais e populares (MIANI & FREGONES); são postas em discussão as finalidades da comunicação comunitária (TRESCA) e feitos apontamentos teóricos sobre a América Latina e Comunicação, englobando identidade, representação e imaginários (CREPALDI).

Na Parte II é a vez das ponderações sobre a era atual, em que a comunicação adquire novas interpretações, em função das potencialidades geradas pelas novas tecnologias. Apresentam-se elementos para a reflexão sobre se, afinal, a internet é fator de politização ou de adequação das comunidades excluídas ao sistema produtivo (NUNES); instiga-se o leitor à discussão sobre a formação da atual sociedade, ao destacar singularidades das comunidades, associações e agrupamentos digitais (SALDANHA) e demonstram-se as potencialidades e os princípios básicos de um importante mecanismo voltado à inclusão digital - os telecentros - como equipamento de comunicação comunitária (FUSER).

Na Parte III, experiências concretas de comunicação a serviço da cidadania, realizadas em diversos lugares do nosso complexo, diversificado e amplo Brasil, são descritas e analisadas. Busca-se compreender como os jovens observam e produzem a realidade através de suas práticas audiovisuais, com relatos de iniciativas da ONG Alpendre, com sede em Fortaleza (BARBALHO); são referidas particularidades do comportamento da ‘mídia’, em disputa pela representação da cultura marajoara, em Tucumanduba, Estado do Pará (GABBAY); descrevem-se experiências progressistas com comunicação, dentre as quais, o Programa Mídia e Cidadania, da Universidade do Estado do Amazonas, com ênfase num laboratório de comunicação livre no Médio Solimões, Amazonas (FIGUEIREDO); é posta em destaque a importância da comunicação - em especial, o rádio -, no que se diz respeito à cidadania e identidade de adolescentes, a partir de projetos pioneiros da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais (LAHNI & COELHO) e são destacadas as peculiaridades e a importância das rádios comunitárias

do Sertão do Nordeste, a partir do caso da FM Comunitária Terceiro Milênio, em Dom Expedito Lopes, Piauí (BERTI).

Na Parte IV, encontram-se relatos sobre mídia e minorias, com o estudo acerca das migrações e imigrações nos diários gratuitos de Barcelona (MENDONÇA); a pesquisa que destaca a importância do rádio, cunhando identidades em movimentos sociais, tais como o Movimento dos Atingidos por Barragens, focada especialmente na região sul do Brasil, onde se localiza a Usina Hidrelétrica Barra Grande (ROSSATTO & RONSINI) e reflexões sobre o surgimento e evolução do Movimento Hip Hop, com ênfase em aspectos históricos e culturais, em Diadema – SP (BASTOS).

A proposta geral da coletânea é amplamente cumprida: indicam-se caminhos para a comunicação voltada à cidadania, mas sem deixar de se explicitar os inúmeros limites, os paradoxos e os entraves a enfrentar nessa direção. Dentre as boas sínteses, destaque-se que:

“É claro que há o predomínio de interesses econômicos e políticos na produção de imagens, produtos e idéias das grandes indústrias da comunicação e da cultura, que seduzem muitos e muitas, mas também é inegável que as diferentes mediações, erigidas por condições sociais, culturais, étnicas, de gênero ou geração, engendram novas construções simbólicas” (BASTOS in: FUSER, 2008, p. 285).

Os diferentes artigos agrupados em capítulos da obra têm como traço comum a disposição crítica, ampliando, assim, a compreensão sobre a comunicação cidadã, à luz de novos fenômenos sociais.

“...há uma necessidade urgente de desconstruir a concepção idílica dos paraísos comunitários e as imagens românticas de solidariedade, apoio mútuo e calor fraterno que a acompanham (...). ...hoje, quando se fala em ‘comunidade’, não tem como não ter em mente os talibãs e outros extremistas islâmicos, os cristãos conservadores dos EUA, os judeus ortodoxos de Israel, os fundamentalistas hindus e outros grupos organizados em torno de sua fé excludente e exclusivista, seu ideário político radical e intransigível, suas utopias reacionárias e regressivas etc.” (ELHAJJI in: FUSER, 2008, p. 47).

Porém, as diferentes comunicações que compõem a obra não convivem, necessariamente, em sintonia. Ora se complementam, ora se contrapõem. Essa característica da coletânea – a aposta na pluralidade de ideias, admitida como pressuposto do verdadeiro debate acadêmico no campo das Humanidades – constitui o seu principal atrativo.

De um lado, são destacadas as novas configurações identitárias, diante das novas tecnologias:

“O atual processo de globalização, propiciado pelos avanços das tecnologias da informação e mediado por diferentes meios, permitiu o acesso da juventude às diferentes expressões culturais, artísticas e políticas que estavam em evidência nos outros países, provocando novas configurações de identidades étnicas, culturais e sociais, novas combinações e sentidos para idéias e símbolos” (BASTOS in: FUSER, 2008, p. 296).

Ao mesmo tempo, transparecem preocupações em situar historicamente os fenômenos da comunicação. O que, por si só, afugenta raciocínios viciados, em que o determinismo tecnológico impera:

“De fato, há uma explosão tecnológica de meios de comunicação e há uma boa quantidade de informações que circula em grande volume pelas redes. O problema é que não há necessariamente comunicação” (TRESCA in: FUSER, 2008, p. 65).

Especialmente no que se refere à comunicação comunitária, é essencial a demarcação que retoma a centralidade política como chave para a análise:

“Existe uma peculiaridade histórica nesta subárea da comunicação [a comunicação comunitária] que está diretamente relacionada ao processo político de re-democratização. Atesta-se que durante um período da história, os cidadãos tiveram suprimidas suas vozes perante os meios de comunicação hegemônicos. Portanto, este episódio histórico da comunicação brasileira constitui o pressuposto inicial em torno do qual a atual prática comunicativa popular e comunitária deve ser problematizada e especificada” (YAMAMOTO in: FUSER, 2008, p. 27).

Por fim, em tempos marcados por doses exacerbadas – seja de pessimismo ‘*neo-apocalíptico*’, seja de otimismo ‘*neo-integrado*’ – de intenções em extrair, rapidamente, sínteses sobre o futuro da comunicação, a obra ***Comunicação para a Cidadania*** vem pontuar que a hora é de refletir com rigor analítico, produzir conhecimento livre de preconceitos e, principalmente, abrir-se ao amplo debate de idéias; de preferência, com mais cautela do que pressa.

